

CURSO NORMAL EM NÍVEL MÉDIO
DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

**História e Filosofia da
Educação**

Consultora:
Valéria Wilke

Professores especialistas:
Ana Maria Antunes
Olivia dos Santos Gonçalves Ribeiro

Janeiro de 2005

O PAPEL DA DISCIPLINA HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Mas que coisa é homem...
um ser metafísico
uma fábula sem signo
que a desmonte
como pode o homem
sentir-se a si mesmo,
quando o mundo some
como vai o homem
junto de outro homem,
sem perder o nome ...
como se faz um homem.*

Carlos Drummond de Andrade

Refletir sobre a importância desta disciplina no Curso de Formação de Professores, nos remete à nossa prática no cotidiano da sala de aula, onde, por um lado, nos deparamos com o “descaso” dos alunos com temáticas de história e filosofia, pois inicialmente não entendem a necessidade delas tanto em sua formação pessoal quanto profissional. Muitos nos dizem que “história é história”, portanto não lhes interessa, e que filosofia “é coisa para filósofos”.

Por outro lado, no âmbito da estrutura do Curso Normal, temos a compressão dos conteúdos de duas disciplinas distintas – Filosofia da Educação e de História da Educação – em uma só “História e Filosofia da Educação”, ministrada na terceira série, com 80h/a, o que gera uma aula semanal de dois tempos.

A partir dos encontros mantidos com os professores da rede que compareceram às oficinas¹, em dezembro de 2004, e dos questionários de avaliação que constavam da versão preliminar deste documento, outro problema se mostrou bastante grave: o freqüente rodízio de professores das disciplinas de Fundamentos da Educação, especialmente os que ministram a *História e Filosofia da Educação*. A cada ano, diferentes professores passam a atuar em diferentes disciplinas da área de Fundamentos, sem, via de regra, terem a formação específica para cada uma delas, situação agravada pela falta de tempo para se preparar, de fato, para o conteúdo a ser ministrado.

Diante destas três situações, a grande questão que temos de enfrentar é: como este documento pode contribuir para nossa atuação em sala de aula visando melhorar a formação dos futuros professores?

¹Workshops do Programa Sucesso Escolar realizados em 27/11 e 04/12 de 2004.

Como o problema relativo à fusão de duas disciplinas em uma diz respeito a uma discussão mais ampla relativa à estrutura do Curso Normal, vamos, neste momento, deixar de lado esta questão. Já em relação ao descrédito do alunado em relação às contribuições da disciplina em sua formação profissional e a uma melhor atuação dos professores desta disciplina, apesar do permanente rodízio, nós podemos agir. Estas situações envolvem diretamente a prática docente e a relação ensino-aprendizagem. Elas estão ao nosso alcance e é a partir delas que perguntamos a você, colega: já parou para meditar acerca da real importância da *História e da Filosofia da Educação* para a formação do professor?

Porque um aluno, em formação para o Magistério, deve conhecer a História e a Filosofia da Educação? Se considerarmos que esse profissional atuará imerso em processos de socialização e em diferentes práticas produtoras de conhecimento, diríamos que a História, na condição de narração e mensuração do tempo pelas sociedades, é uma forma de socialização, de conhecimento e de prática educativa. A Filosofia, por sua vez, guarda uma história que remonta a uma das origens do mundo ocidental, a fonte grega, tendo sido a matriz dos saberes que, ao se afastarem do conhecimento mítico, procuraram conhecer a realidade tendo o *lógos* como fio condutor. Portanto, tanto a História como a Filosofia são fundamentais para o Professor-Educador.

Quando pensamos na formação do professor, que no caso do Curso Normal acontece ainda na adolescência, temos de ter em mente as diferentes formas de compreensão dos nossos alunos, quanto à abrangência e à importância da perspectiva histórico-filosófica para o entendimento da realidade.

Torna-se necessário mostrar ao aluno que um pilar fundador da educação é a relação ensino-aprendizagem. E quais elementos se fazem presentes nesta relação? Aquele que aprende e aquele que ensina. Todo um mundo formado por relações sociais, políticas, econômicas, epistemológicas, religiosas, cognitivas, enfim, culturais no sentido mais amplo que podemos dar ao termo cultura.

Ora, toda sociedade humana constrói histórica-filosoficamente uma concepção de ser humano e de mundo, articulada aos conceitos de ser e de existência, aos valores éticos e estéticos e a uma determinada construção de política, sociedade e poder. Assim, “aquele que aprende” e “aquele que ensina” estão inseridos numa dada compreensão de ser humano, e a partir deste entendimento é estabelecida uma dada formulação da relação ensino-aprendizagem.

Assim, devemos mostrar que a prática de um professor em sua sala de aula é construída a partir de um entendimento do que é o ser humano; e que este muda conforme a época histórica; e que é importante ter acesso a esta historicidade para, por exemplo, melhor compreendermos nossa prática, as metodologias de ensino-aprendizagem e os documentos que direcionam a educação, todos eles construídos a partir da consideração básica “o que é o ser humano”. Desta decorrem outras questões: o que é ensinar; o que é aprender?; o que ensinar?; a quem ensinar?; com qual finalidade?

Nossa prática, assim como a prática de professores e alunos que nos antecederam, move-se pelas respostas a estas perguntas. Muitas vezes agimos quase que automaticamente e nos esquecemos delas. Todavia, devemos mostrar aos nossos alunos que uma boa prática de ensino-aprendizagem necessita que nós desliguemos o “automático” e escutemos estas perguntas, porque, do contrário, estaremos agindo por agir, sem nenhuma ponderação e preocupação com o que está ocorrendo na sala de aula.

A reflexão sobre os novos rumos desta disciplina carece atentar ainda para o fato de que nós devemos alertar os nossos alunos para a importância do sentido das coisas, e para como o conteúdo das experiências histórico-filosóficas pode contribuir para o entendimento deste sentido. E mais ainda: como este entendimento é necessário à atuação do professor, como promotor de um tipo muito especial de relação social – relações interpessoais e sociais constituídas de diversos atores: grupos de alunos, de profissionais, de pais e pessoas da comunidade – formadora de princípios éticos e de cidadania.

Na nossa prática, devemos mostrar a importância da boa formação, pois como um profissional mais bem informado e consciente, podemos atuar como conscientizadores de nossos alunos e da comunidade, contribuindo para a melhoria da qualidade da Educação Brasileira.

Cada um de nós, por último, ainda precisa ter em mente que, como afirma Paulo Ghiraldelli:

A filosofia da educação faz o papel de um discurso que está no interior da cultura; ela é um discurso que você deve conhecer para legitimar sua atitude pedagógica em sala de aula. Ela lhe dá poder de argumentar a respeito de sua didática e dos conteúdos de ensino que você ministra. O papel da filosofia da educação é duplo: ou ela legitima sua aula porque ela dá fundamentos para sua pedagogia, ou ela legitima sua aula porque ela dá justificativas para sua pedagogia. (GHIRALDELLI, 2004)²

E necessitamos mostrar como ocorre a legitimação de uma prática pedagógica, pela perspectiva filosófica e histórica que temos da educação.

CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS

No processo de ensino e de aprendizagem, a atuação do professor deve contribuir para a formação da pessoa do aluno. Em nossa época, faz parte da concepção de cidadania a necessidade do desenvolvimento da percepção crítica da realidade. Isto implica a capacidade de avaliar constantemente suas possibilidades, aliadas às várias alternativas e restrições que se lhe avizinham nos sucessivos momentos de vida, e isto é sem dúvida um dos objetivos fundamentais da educação.

A escola tem sido historicamente um dos locais que congrega, num currículo, os conhecimentos e saberes de uma sociedade, tendo em vista especialmente a formação das crianças e dos jovens. Sim, de fato, ela é um espaço de ensino e de aprendizagem, enquanto produção coletiva de conhecimentos. Mas integrado a esta função encontra-se aquela de favorecer a constituição de sujeitos, fundados na socialização e no reconhecimento do outro.

O currículo fundamenta-se, por um lado, na concepção de ser humano, e por outro, na realidade em que se insere a escola, uma vez que a função básica da educação é a formação dos alunos como seres individuais e como seres sociais. Neste sentido, devemos em nossa prática mostrar para nossos alunos, futuros professores, que o docente precisa, além de defender a dimensão humana, fazer com que seus alunos possam vir a conhecer e interpretar de modo consistente as contradições e os conflitos de seu cotidiano. Afinal, o que é educar senão propiciar aos alunos condições para que se desenvolvam por meio das mediações concretas de sua existência histórico-social?

Os conteúdos/conhecimentos que a equipe selecionou para serem abordados em sala de aula devem ajudar os alunos na compreensão de que o ser humano é muito mais do que um mero elemento a ser preparado para o mercado de trabalho; que 'ser' humano é muito mais do que ganhar a subsistência; que compõe o ser do ser humano a capacidade de perguntar pelo sentido das coisas que nos cercam, inclusive a nossa própria humanidade, nossa sociedade, nossas formas de conhecer, de trabalhar, de amar, de lutar, de sentir e de se envolver com os outros.

Isto significa que devemos trabalhar os conteúdos/conhecimentos da disciplina mostrando em que eles contribuem para o entendimento de que a educação gira em torno de homens e mulheres concretos,

²GHIRALDELLI, Paulo. Dez elementos para quem quer ter êxito como professora ou professor. Disponível em: < <http://www.filosofia.pro.br/professor.htm> > Acesso em 08. nov. 2004

historicamente situados numa certa formação social, e que vivem a realidade a partir de determinados parâmetros do que vem a ser o humano, o social, o político, por exemplo. Nesta vivência, nós lidamos com conhecimentos manifestos em saberes, sejam eles práticos, teóricos, empíricos, especulativos, acadêmico-científicos, do senso comum, religiosos e estéticos, porque o ser humano possui a capacidade de se interrogar pelo sentido das coisas.

Nós, professores, precisamos mostrar para nossos alunos a importância de ser ‘amigo da sofia’³, e, ainda, como é prazeroso tê-la como amiga de todas as horas, porque esta amizade tem tudo para nos ajudar a aprender a fazer as perguntas certas e a buscar suas respostas. Você pode trabalhar qualquer dos temas desta ou de outras disciplinas usando, por exemplo, manchetes de jornais e revistas, e a partir delas questionar o sentido de determinados valores presentes nas informações. Se for uma manchete de seqüestro, emprego/desemprego ou economia, por exemplo, pergunte pela significação do viver, do morrer, do consumir, do trabalhar. Se for uma crônica ou um filme, pergunte pela construção da realidade, discuta que realidade é aquela que se apresenta e quais parâmetros foram utilizados para construí-la.

Precisamos oferecer aos nossos alunos condições para que eles desenvolvam a capacidade de perceber a importância de se olhar para as coisas com estranhamento, perguntando pelo que elas são de fato, não se contentando com o que a maioria ou a mídia ou igrejas, por exemplo, dizem o que é. Uma sugestão de leitura é o capítulo “A cartola” de O mundo de Sofia (GAARDER, 1995) em que aparece a imagem do significado de se viver por cima da pelagem do coelho ou junto à sua pele.

As Relações entre História, Filosofia e Educação

Na medida em que filosofia, história e educação se encontram nesta disciplina, é preciso desvelar a relação que existe entre estes termos. Uma sugestão é que trabalhemos considerando a historicidade da concepção do ser humano e ainda a necessidade de ele ser educado, ou seja, no processo ensino-aprendizagem está presente um dado entendimento de ser humano e de educação que é histórico.

A partir daí, poderemos entrar em alguns temas como: quem educar?; para que educar?; ‘quais são as possíveis finalidades da educação?; e ainda encaminhar a apresentação e discussão de momentos importantes da história da educação, especialmente a brasileira.

Elejamos alguns conceitos básicos como condutores desta travessia da história da educação. Como sugestão: a concepção de ser humano presente na educação; quais capacidades/faculdades humanas são privilegiadas no processo de aprendizagem; quem educa e qual sua função; quem aprende e qual sua função; como o currículo é estabelecido; quais conhecimentos são privilegiados e por quê; qual é o modelo de escola; a Temporalidade (ou, chamemos Tempo)⁴ que é uma produção social pois, além de uma natureza física (com o desenvolvimento dos átomos), astronômica (com o movimento dos astros), e biológica (com o desenvolvimento das células) esta concepção vincula-se a significações culturais, sendo tratada de forma distinta por diferentes sociedades.

Ao disporem de um “sentido” para o tempo em suas relações sociais, povos e culturas o fazem como discurso educativo, seja através da narrativa oral dos mais velhos, seja como memória da vivência de cada

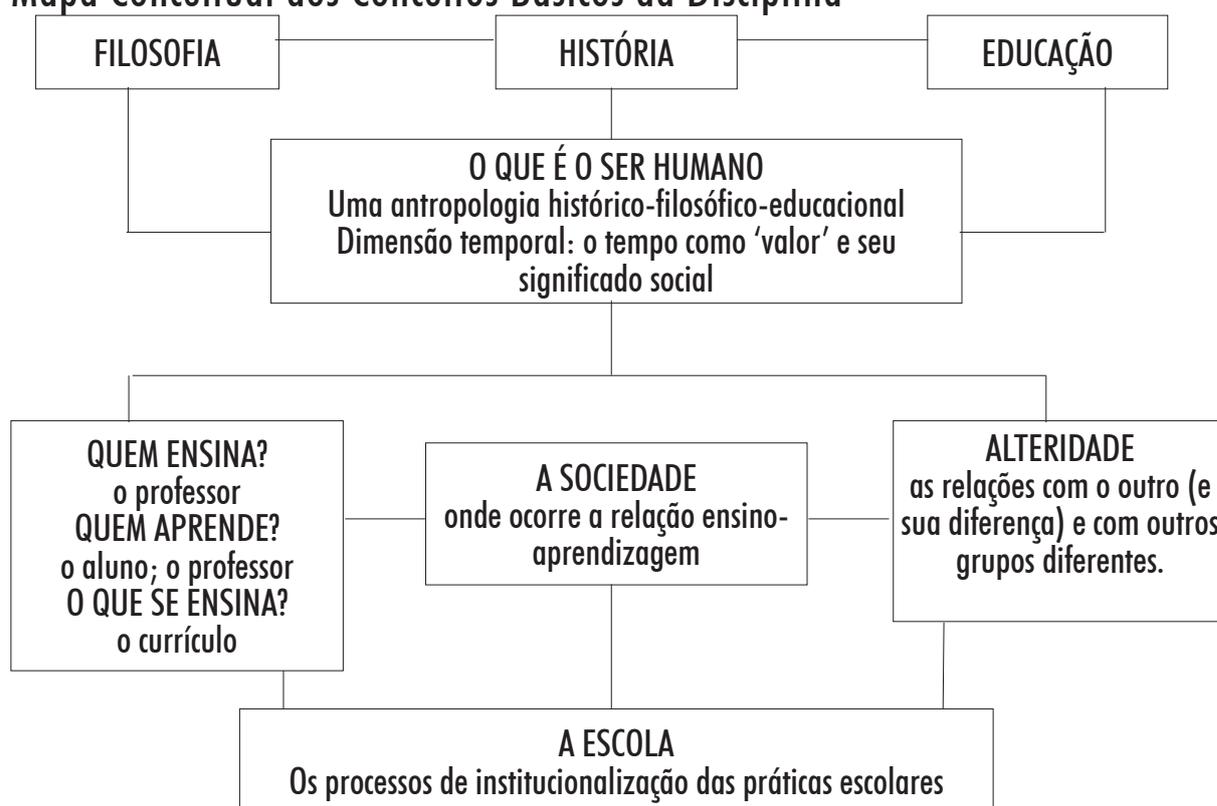
³ Etimologicamente o termo ‘filosofia’ significa ‘amigo/amante da sofia’ (sabedoria).

⁴ O tratamento do “tempo” como categoria fundante do tratamento inicial de História e Filosofia da Educação abre a possibilidade da percepção pelos alunos de que na cultura ocidental (diferente do senso comum que nos faz pensar num tempo único e linear) o tempo foi construído pelos gregos como plural, assíncronico, apresentando diferentes instâncias: 1) *Aion*, o tempo da Criação quando Cronos une-se a Gaia; 2) Cronos, tempo do eterno, dos deuses, (quando Zeus vence seu pai e inicia os tempos); 3) *Crônica*, o tempo cotidiano, do efêmero, dos simples mortais; 4) poesia *Épica* o tempo dos heróis mortais; 5) *Kairós*, tempo da política e da Pólis; 6) *Aion* o tempo do Eterno, do atemporal, do que é conceito e permanência.

um, seja como expressão da experiência coletiva, escrita por alguns (Historiografia). Em outras palavras, as sociedades educam seus indivíduos para as noções de tempo que lhe são dominantes, tornando-as parte da construção da identidade cultural do indivíduo e de sua *cognição* (forma de apreensão do conhecimento) ou *gnose* (postura dos indivíduos frente ao conhecimento).

Apresentamos, a seguir, um mapa conceitual com os conceitos básicos a serem explorados como pano de fundo na elaboração das aulas:

Mapa Conceitual dos Conceitos Básicos da Disciplina



Conscientes de que muitas outras experiências foram e estão sendo construídas por professores da rede estadual, e não tendo a ambição de sermos exaustivos, gostaríamos de relacionar algumas possíveis abordagens que poderão nos auxiliar no cotidiano da nossa ação educativa.

Sugestões de Temas de Trabalho

Em que pese a singularidade de cada escola, com perfil distinto de professores e alunos, sugerimos que os conteúdos/conhecimentos sejam desenvolvidos em dois grandes blocos. Nos três primeiros bimestres, é importante que o professor dê uma atenção maior aos grandes conceitos e temas da *História e Filosofia da Educação* apresentados no item 2.3.1. No quarto bimestre, aconselhamos que sejam planejadas atividades e/ou projetos, apresentados como ‘temas transversais’, tais como ‘educação e gênero’, ‘educação e infância’, dentre outros. Acreditamos que eles possam vir a servir de suporte para a exploração dos conceitos-chave das áreas.

Pensando o Ser Humano e sua Formação – a Construção de Conceitos

Sabemos que o homem, na visão filosófica, é um ser capaz de reflexão, e que por isso adquire saber, além de simplesmente fazer. Então, caro colega, nesta temática poderemos abordar os conteúdos/conhecimentos referentes às principais correntes do pensamento filosófico relacionados às tendências pedagógicas, percebendo em cada uma delas as diferentes visões de homem, histórico e socialmente constituído.

- Para dinamizar a primeira discussão em sala de aula sobre o ser humano, você pode lançar mão da poesia “*O Bicho*”, de Carlos Drummond de Andrade, assim como para a dimensão temporal, sugerimos a música “*O Tempo não Para*”, de Cazuza, contextualizando assim as situações e traçando um paralelo de cada momento histórico-filosófico e suas contribuições para a realidade educacional atual.
- Passeie pela Grécia Antiga, mostrando como o modo socrático de ensino-aprendizagem pode nos levar a constatar que praticamente nada sabemos sobre as coisas e que esta é a condição para passarmos a conhecer algo, porque, em geral, estamos cheios de opiniões e com pouca ou nenhuma consistência.

Apresente aos seus alunos a sociedade grega a partir do enfoque educacional, mostrando aqueles que podiam frequentar as escolas na *polis*, o que eles aprendiam, quem eram seus professores, como eram as escolas, os que estavam fora das escolas e o porquê desta exclusão, e não se esqueça de apresentar o contexto da origem do termo ‘pedagogo’.

Você pode utilizar, por exemplo, a história em quadrinhos *As sombras da vida*, a caverna platônica vista pelos personagens do Maurício de Souza: opinião X conhecimento; a necessidade de ultrapassarmos as aparências das coisas.

Sugestão de leitura

O mundo de Sofia: capítulos A cartola, Sócrates, Platão.

- Apresente o “primeiro ministro da Educação”, Alcuíno, monge irlandês orientador da reforma educacional do império carolíngio e ainda o posterior nascimento das universidades na Idade Média, o Trivium e o Quadrivium (como um modo diferente de construir um currículo), as Questões Disputadas.

Sugestões de leitura

LE GOFF. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. Capítulos sugeridos:

O século XII, o nascimento dos intelectuais: Renascimento urbano e nascimento do intelectual no século XII;

O século XIII, a maturidade e seus problemas: perfil do século XIII; contradições internas da corporação universitária; organização da corporação universitária; organização dos estudos; programas; exames; os exercícios (as questões, as disputas, as questões livres).

PERNOUD, Regine. *Idade Média*: o que não nos ensinaram. São Paulo: Agir, s/d.

VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. São Paulo: Edusc, 1999

- No Brasil colônia, apresente o nascimento da educação formal brasileira a partir das escolas fundadas pelos religiosos e seus objetivos. Você poderá também discutir a educação indígena, que acabou sendo suplantada pelo modelo europeu.

Usando o mapa conceitual, discuta a sociedade brasileira de então, sua relação com a metrópole, os europeus que vieram para cá, a miscigenação racial; quem estudava e o quê estudava.

Sugestões de leitura

GUIRALDELLI, Paulo Jr. *Filosofia e história da Educação brasileira*. S.P.: Manole, 2002.

VEIGA, Cynthia, LIMA E FONSECA, Thais N. (org.) *História e historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

- Apresente o “Século das luzes”, as enciclopédias, o projeto burguês de uma educação para todos. O cientificismo e o racionalismo. A reforma pombalina que desarticulou a educação que se fazia no Brasil. A vinda da corte portuguesa para o Brasil e as implicações deste evento para a educação. Na contramão do racionalismo, discuta a proposta educacional de Rousseau.

Articule estes elementos utilizando o mapa conceitual.

Sugestões de leitura

GUIRALDELLI, Paulo Jr. *Filosofia e história da Educação brasileira*. S.P.: Manole, 2002.

VEIGA, Cynthia, LIMA E FONSECA, Thais N. (org.) *História e historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NARODOWSKI, Mariano. *Comênio e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

- No século XIX, apresente a teoria educacional de Herbart e a tônica dada à dimensão intelectual, e como este fato deu à aprendizagem um caráter mais intelectualista. Contextualize Herbart na emergente sociedade industrial urbana. Apresente a educação no Brasil deste período.

Sugestões de leitura

GUIRALDELLI, Paulo Jr. *Filosofia da Educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GUIRALDELLI, Paulo Jr. *Filosofia e história da Educação brasileira*. S.P.: Manole, 2002.

VEIGA, Cynthia, LIMA E FONSECA, Thais N. (org.) *História e historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIDAL, Diana G., SOUZA, Maria Cecília C. (org.). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o império e a república*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

- No século XX, discuta a teoria educacional de Dewey, mostrando como ela atuou como uma crítica à teoria de Herbart e como as ‘experiências da vida’ entraram no campo pedagógico. No Brasil, apresente Anísio Teixeira e a grande mudança educacional proposta por ele.

No século XX, discuta a teoria educacional de Paulo Freire no contexto de uma pedagogia do oprimido e no contexto da pedagogia da autonomia.

No século XX, apresente as propostas pedagógicas de Freinet e de Vygotski

Sugestões de leitura

GUIRALDELLI, Paulo Jr. *Filosofia da Educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GUIRALDELLI, Paulo Jr. *Filosofia e história da Educação brasileira*. S.P.: Manole, 2002.

VEIGA, Cynthia, LIMA E FONSECA, Thais N. (org.) *História e historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Temas Transversais

Para o quarto bimestre, sugerimos a utilização de eixos temáticos que auxiliem a compreensão das práticas educativas em sua historicidade. Evidentemente os temas sugeridos são arbitrários e os professores podem escolher outros. Todavia, tentamos apresentar temas transversais que permitam um diálogo com conteúdos presentes na interface entre Filosofia e História.

Da educação por gênero

Caso pensemos numa temporalidade “biológica” fundada no gênero e na sexualidade, a partir do feminino, é possível explorar os tempos da gravidez, da puberdade, da menstruação, da maternidade, da menopausa e, fundamentalmente, o tempo do orgasmo. Como uma lua, cada fase envolve faces que remetem à história social da mulher, dando-lhe um conjunto específico de experiências, de rituais de passagens, de “iniciações” que constroem o sentido da identidade “mulher”.

Sugestões de leitura

DINIZ, Margareth et al. *Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores*. Rio de Janeiro: Formato, 2004.

DUBY, G. Heloísa, *Isolda e outras damas do século XII*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____. *As damas do século XII, a lembranças das ancestrais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

_____. *Eva e os padres*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MOULIN, Leo. *A vida dos estudantes na Idade Média*. s/l: Livros do Brasil, 1994.

Da educação da infância

De fato, até o século XVII, o ser “infantil” na cultura europeia não existia como conceito e a criança era compreendida como um adulto pequeno. O conceito de “adolescência” hoje tão claro, difuso e óbvio, na verdade foi formulado apenas no século XX.

Sugestões de leitura

GUIRALDELLI, Paulo Jr. *Infância, Educação e neoliberalismo*. São Paulo: Cortez, 2002.

TELES, Maria Luiza Silveira. *Filosofia para crianças e adolescentes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. *Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia*. 9 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

Uma relevante contribuição dos professores da rede que participaram das oficinas de dezembro de 2004 acentuou a importância de valorizarmos os conhecimentos que direcionam o conteúdo a partir do micro para o macro, do local (mais próximo espacial e temporalmente) para o mais distante espaço-temporal. Você, professor, pode acatar esta sugestão e desenvolver os conteúdos/conhecimentos a partir de temas

geradores, procurando fazer a ponte entre o micro e o macro. Para tanto, indicamos a leitura do livro de Theodore Zeldin, *Uma história íntima da humanidade*, que é uma obra do campo da história social em que o autor reflete sobre temas que atravessam as histórias e as culturas, a partir de histórias de mulheres da nossa contemporaneidade.

OBJETIVOS A ALCANÇAR

Na história da Educação em geral e da brasileira em particular é possível identificarmos variadas visões de ser humano que embasam diferentes perspectivas educacionais.

Filosofia e História constituem áreas de conhecimento que podem colaborar no desenvolvimento de competências e atitudes necessárias ao pensamento crítico e à promoção das mudanças essenciais para a construção de um mundo mais justo, mais fraterno, e mais especificamente:

- Observar o ser humano em sua condição de ser concreto, histórico e social, que compartilha saberes e que busca o sentido de *como, quando e por que educar*.
- Analisar as relações entre Educação, História e Filosofia mediante reflexão crítica sobre as bases filosóficas e históricas, princípios e as influências das principais concepções e tendências do pensamento pedagógico.
- Analisar as bases históricas e filosóficas da educação brasileira, contemplando de modo especial o ensino normal.
- Adotar atitudes e práticas esperadas, tanto no plano de atuação individual como na dimensão social, de um educador comprometido com um trabalho de qualidade.

ABORDAGENS E INTERFACES POSSÍVEIS

Nossas aulas devem proporcionar aos alunos a compreensão de que a tarefa da docência requer que estejamos preparados para responder a estas questões, porque no processo de responder, estamos, de fato, adquirindo a possibilidade de pensar nossa prática. E para responder com o mínimo (que seja!) de decência e preocupação, de modo ponderado e que possa construir uma boa avaliação do que vivemos em nossa prática, necessitamos do instrumental teórico que tanto a filosofia quanto a história têm a nos oferecer.

Devemos indicar aos alunos, que precisamos estar preparados para este ‘mínimo (que seja!) de decência e de preocupação’ e para estas ponderação e avaliação, porque faz parte da nossa vivência moral (nós que falamos tanto em ética!) a boa compreensão da nossa prática, pois a partir da consideração dos nossos erros e acertos, temos melhores condições de atuar na sociedade.

E por causa desta vivência moral, não podemos nos esquecer da importante preparação histórico-filosófica do percurso que nos antecede e do caminho que trilhamos em meio a metodologias, à legislação e seus documentos, à preparação de aulas e ao contato com os discentes.

Vale a pena termos em mente, que a disciplina de *História e Filosofia da Educação* realiza-se no âmbito do terceiro ano de formação, concomitante às disciplinas de *Língua Portuguesa*, de *Artes*, de *Educação Física*, de *Matemática* (enquanto Base comum nacional), e na *Educação de Jovens e Adultos*, ou na *Educação Indígena* ou na *Educação Especial* (na Ênfase de Formação) e nas disciplinas de *Sistemas de Ensino*, *Ensino Fundamental*, *Educação Infantil* e *Processo de Alfabetização* e *Psicologia da Educação* (na formação profissional).

Considerando a possibilidade anteriormente sugerida de um planejamento para os dois semestres, com conteúdos, no primeiro, referentes aos conceitos fundamentais e, no segundo, o tratamento da Filosofia e da História da Educação em um percurso seletivo, como produção social, expomos a seguir algumas abordagens bem sucedidas em espaços escolares de formação de profissionais de ensino.

Atividades com resenhas ou sinopses de filmes, discussão de imagens pictóricas ou fotográficas, crônicas e poesias, seminários musicais, *pic-nics* filosóficos, festivais de histórias em quadrinhos, letras de músicas ou poesias, cujos sentidos confluem e podem ajudá-los em projetos interdisciplinares.

O tempo como memória individual e base de construção da memória social e dos registros historiográficos, podem ser estimulados pelo tempo das festas, onde se expressam os aniversários, os batizados, os casamentos, as bodas, os enterros. Embora na maioria das vezes não percebamos, as festas são formas de educar os seus membros, tornar *pregnante* (internalizar) as medidas de um tempo simbólico. Nelas, e em tudo que as representam (vestidos e brindes guardados pelas famílias) encontram-se fontes e documentos históricos que permitem ao professor discutir as relações entre essas medidas de tempo, que são concomitantemente pessoais e coletivas, singulares a cada um e construídas como marcos que a sociedade autoriza e estimula, expressando nas suas formas (religiões, canções, danças, alimentos, fotografias de família e de escola) matéria para o historiador e para o professor entender a cultura da comunidade.

Solicitar que cada aluno traga uma carta que recebeu, permite a todos revistarem seu passado, re-avaliando seu presente via o tratamento na Memória das lembranças e dos esquecimentos. Além disso, a estratégia oferece a oportunidade de compreensão de que participam de experiências e memórias próximas e, assim, da possibilidade de uma *História* comum de infância, de adolescência, de país e dos processos e modos de escrita, vinculados à *verbalidade* e a implicações cognitivas e sociais.

É uma ótima estratégia de ensino, pois favorece a percepção maior e melhor do espaço e do tempo: cartas são vividas como autores e leitores – facilitando o tratamento de conceitos como “espaço”, “tempo”, “modos de escrita”, funções sociais da escrita, redes sociais, a escrita como tempo. As cartas falam do autor que as produziu e também do leitor. São documentos históricos para alguém que deseje estudar as cartas dentro de um conjunto, avaliando uma época, uma sociedade enquanto costumes, afetos, moral e práticas discursivas, o domínio popular da escrita e da língua ou as ideologias que as percorrem. As fotografias podem servir a uma melhor compreensão do universo da escola? Responderíamos afirmativamente. As fotografias podem servir-nos como fontes históricas iconográficas, possibilitando a pesquisa sobre o mundo escolar em determinada época e espaço, remetendo ao vestuário, aos tipos étnicos, à composição sexual, à arquitetura escolar, aos materiais e recursos pedagógicos, bem como, quanto a um gosto de época, a uma estética compositiva. Finalmente, as imagens podem relacionar-se a práticas escritas (a forma como historiadores tratavam a questão presente no quadro ou na foto) ou a outras disciplinas.

Uma excelente estratégia é a análise dos quadros históricos que foram legitimados pela historiografia, muitas vezes como ideais ideológicos de nação (os quadros de Vitor Meirelles sobre a Primeira Missa ou Independência, as imagens de Debret) Além disso, introduzir a história dos diferentes suportes da imagem, contextualizando a forma como se tornaram necessidades, pode auxiliar o futuro professor a melhor compreender e criticar as mensagens de diferentes origens e intenções, sejam políticas, ideológicas, artísticas.

Uma extraordinária forma de abrir discussões em torno das práticas para a Infância, para os Gêneros, para o meio-ambiente é o recurso a aulas *pic-nics* onde alimentos trazidos pelos alunos, referentes a sua memória da escola, ou da família, sirvam como “documento”. São aulas de grande ludicidade, que remetem às nossas memórias e cada alimento pode ser trabalhado, sistematizado junto ao demais e se tornar documento histórico. Em um alimento ou em uma música vividos por um aluno e levados para uma aula temática, pode estar a experiência coletiva de muitos outros, identificando a “voz” da vivência comum a toda uma geração, identificando uma cultura do paladar ou um gosto musical de época que se reflete em outros espaços sociais.

Você, professor, deve construir um banco de idéias e conteúdos como capital acumulado que esperamos, seja de grande riqueza profissional, permitindo aos futuros professores aperfeiçoar e ampliar esses conhecimentos em futuras oficinas, cursos e reuniões com seus professores ou alunos, quando pedagogos atuantes. A proposta curricular deve resultar de um trabalho coletivo, fundado em pessoas, partilhando cumplicidades, adesões, entusiasmo e um desejo sincero de aprender de forma fraterna, sabendo que a cognição articula-se ao sabor, ao sentimento ao prazer.

Devemos, pois, apresentar esta disciplina aos nossos alunos de forma bem clara e simples, sem seguir regras ou programas tradicionais, e mostrar a eles que a filosofia e a história são algo que tem sentido, algo gostoso de praticar e estudar, que faz parte do nosso cotidiano e tem importância vital para todos nós.

Sócrates, filósofo grego, já dizia que o professor devia abandonar a retórica e estimular o aluno a uma busca pessoal, ao pensamento próprio. Assim vivenciando situações-problema, como perspectiva de meio para a construção de conhecimentos, privilegiando a participação ativa de nossos alunos em consonância com os eixos temáticos das outras disciplinas, produziremos referências significativas, educando para o pensar e para a cidadania. Portanto, ao adotarmos no nosso fazer pedagógico estes procedimentos, objetivando o esclarecimento e a emancipação do ser humano, tendo como princípio norteador a reflexão, a discussão contínua, aberta e crítica dos Fundamentos do Conhecimento Humano, e tendo-o como permanente objeto da Educação, possibilitaremos a reflexão e a crítica continuadas da e na práxis pedagógica, sob uma perspectiva de trabalho coletivo e interdisciplinar.

Nada caracteriza melhor o homem do que o fato de pensar.
Aristóteles

Referências Bibliográficas

Além dos livros já citados anteriormente, você encontrará na lista a seguir outras obras que podem contribuir para sua formação e para o desenvolvimento de suas aulas.

Lembramos ser necessário para o desenvolvimento dos conteúdos/conhecimentos desta disciplina, que você contextualize o período histórico que estiver abordando. Para tanto, indicamos sempre a leitura de livros de história da filosofia, de história geral e de dicionários temáticos (de Filosofia, de Ciências Sociais, de Pedagogos do Brasil, por exemplo).

ABBAGNANO, Nicola. *Historia da Filosofia*. 12 volumes Portugal: Presença, 1970.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires Martins. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

_____. *Filosofia da Educação*. 2 ed. São Paulo : Moderna, 2001.

_____. *História da Educação*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BARROS, Armando Martins de. *Notas preliminares para o ensino de História da Educação*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

_____. *Práticas discursivas ao olhar: da vidência e da cegueira na formação do Pedagogo*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

- CETANI, Afrânio, OLIVEIRA, Romualdo. *Reformas educacionais em Portugal e no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- EBY, Frederick. *História da educação moderna*. Porto Alegre: Globo, 1962.
- DINIZ, Margareth et al. *Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores*. Rio de Janeiro: Formato, 2004.
- DUBY, G. Heloísa, *Isolda e outras damas do século XII*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- _____. *As damas do século XII, a lembranças das ancestrais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- _____. *Eva e os padres*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. São Paulo: Rio de Janeiro, 1995.
- GUIRALDELLI, Paulo Jr. *Filosofia da Educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- _____. (org). *O que é Filosofia da Educação?*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. *Filosofia e história da Educação brasileira*. S.P.: Manole, 2002.
- _____. *Infância, Educação e neoliberalismo*. São Paulo: Cortez, 2002.
- LAUAND, Luiz J. *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LE GOFF. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- _____. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1997.
- MARROU, Henri-Irénée. *História da Educação na Antigüidade*. São Paulo: E.P.U./USP, 1973.
- MOULIN, Leo. *A vida dos estudantes na Idade Média s/l*: Livros do Brasil, 1994.
- NARODOWSKI, Mariano. *Comênio & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- NOVAIS, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PERNOUD, Regine. *Idade Média: o que não nos ensinaram*. São Paulo: Agir, s/d.
- PILETTI, Claudino e Nelson. *Filosofia e História da Educação*. São Paulo: Ática, 2002.
- ROSA, Maria da Glória de. *História da educação através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- SOUZA, Cynthia P. *História da Educação: processos, práticas e saberes*. São Paulo: Escrituras, 1998.
- TELES, Maria Luiza Silveira. *Filosofia para crianças e adolescentes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- _____. *Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia*. 9 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- VEIGA, Cynthia, LIMA E FONSECA, Thais N. (org.) *História e historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. São Paulo: Edusc, 1999.

VIDAL, Diana G., FARIA, Luciano Mendes Filho. *História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)*. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbh/v23n4516520.pdf . Acessado em 03 de dez de 2003.

VIDAL, Diana G., SOUZA, Maria Cecília C. (org.). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o império e a república*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ZANNUZZI, Gilberta de M. *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao século XXI*. São Paulo: Autores Associados, s/d.

ZELDIN, Theodore. *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Sites Indicados

www.filosofia.pro.br: dirigido por Paulo Ghiraldelli e Pedro Ângelo Pagni e que tem textos sobre filosofia da educação.

www.anped.org.br: da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. Contém artigos e outras referências dos Grupos de Trabalho (GT) que lidam com as questões educacionais, inclusive as filosóficas e históricas.

www.mundodosfilosofos.com.br: bons textos gerais sobre a história da filosofia e seus filósofos

www.rubemalves.com.br: Conversas com Educadores

www.educacaobrasileira.pro.br: bons artigos sobre a educação brasileira; contribuições do Grupo de pesquisa História da Educação no Brasil.

www.histedbr.fac.unicamp.br: Grupo História, Sociedade e Educação no Brasil.

www.fae.ufmg.br/gephe: Grupo de Estudos e pesquisas em História da Educação (GEPHE/UFMG)

www.paulofreire.terra.com.br: sobre Paulo Freire

www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/principal.jsp: artigos de e sobre Paulo Freire

www.prossiga.br/anisioiteixeira: biblioteca virtual sobre Anísio Teixeira que conta com toda a produção do educador brasileiro, inclusive obras esgotadas e cartas.

www.centrorefeducacional.com.br: referências variadas à educação e à teorias educacionais e seus criadores. Na seção “Grandes Mestres” há as propostas pedagógicas de diferentes pensadores.

www.pedagogiaemfoco.pro.br: seções Filosofia da Educação e História da Educação Brasileira

www.bve.cibec.inep.gov.br: Biblioteca virtual de Educação, ligado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

